

Economista garante que o novo Norte vai comandar o velho sul

O Governo brasileiro já definiu um programa econômico para enfrentar a crise nos próximos dez anos. A indústria de extração, transformação e comercialização de metais está sendo preparada — a partir dos grandes projetos, como Carajás — para dar uma nova arrancada à economia brasileira. Isto implicará uma reorganização do espaço econômico do País, com o surgimento de um novo pólo industrial pesado no Norte/Nordeste, em detrimento do Centro-Sul, cujas indústrias terão que se reciclar para atender a esta nova demanda, se não quiserem correr o risco de se tornarem prematuramente obsoletas.

— Não há regime político, a partir das eleições de 15 de novembro, que mude as metas já definidas pelo Governo — afirma Adroaldo Moura, professor de economia da Universidade de São Paulo. Adroaldo acha entretanto que estas novas unidades no Norte/Nordeste vão demandar tempo e muitos recursos financeiros para se instalarem além de se obrigarem a garantir demanda para indústria do Centro-Sul, que ele chamou de "indústria velha". Esta, se isto não acontecer, será vítima de uma recessão prolongada.

ESCASSEZ DE RECURSOS

O professor da USP citou, como um dos pontos críticos para esta reciclagem da economia brasileira, a escassez de recursos. Observou que será necessária uma reorganização do financiamento do setor público, pois atualmente "não há uma estrutura organizada que permita ao Estado brasileiro financiar seus próprios investimentos e gastos na área social".

— Com esta estrutura de arrecadação fiscal, cuja base está sendo deteriorada pela inflação — disse — não dá para enfrentar nenhuma política econômica de longo prazo. É preciso repensar as formas de financiamento do setor público, pois o Estado está gastando muito e desorganadamente em vários setores. As alternativas mais imediatas são: empréstimos externos e emissão de moeda. Um exemplo típico do volume das despesas públicas é Itaipu, construída praticamente com dinheiro vindo diretamente do Tesouro ou com financiamento.

MERCADO EXTERNO

Outra preocupação de Adroaldo, em relação ao projeto oficial, é o rumo que vem tomando a economia mundial. Salientou que a economia de energia verificada no mundo a partir da crise do petróleo vem permeando toda a vida econômica dos países.

— Esta economia energética por unidade de produto gera um novo processo tecnológico na indústria, que passa pela queda no peso das máquinas produzidas, dos automóveis, dos laminadores etc. Tal transformação vem ocorrendo também no Brasil. Economia de energia envolve economia de metais, justamente no momento em que o País está entrando nesta área. Temos o exemplo do alumínio, cuja produção vem sendo reduzida nos países desenvolvidos, que estão expulsando suas fábricas para países da periferia, como a Austrália.

A economia de metais na produção de bens duráveis, no âmbito do mercado internacional, gera, no entender do economista, um problema sério para a economia brasileira, que é a exportação dos metais a serem produzidos no País.

INDÚSTRIA VELHA

Adroaldo de Moura e Silva previu que o parque industrial instalado no centro-sul do País pode ser vítima de uma "obsolescência precoce" associada à crise de energia e às novas metas governamentais. Esta indústria, principalmente a indústria pesada de bens de capital, está se deteriorando por falta de demanda para seus produtos, tanto no âmbito interno, quanto externo, afirmou o economista e professor da USP.

Para ele, a capacidade ociosa destas fábricas advém — não da redução da produção — mas da ausência de reformulação nas suas instalações para produzir mercadorias condizentes com as que passaram a ser consumidas após a crise do petróleo. Citou como exemplo uma grande usina de fabricação de aço, recém-construída em Pindamonhangaba (SP), que até agora não produziu nada. Na sua avaliação das transformações por que passa a economia, esta usina tem de se preparar para produzir turbinas para Tucurui, equipamentos para a Alcoa.

— É importante criar uma demanda entre o velho e o novo, destacou Adroaldo.

A situação se agrava mais ainda, conforme sua análise, se for levada em conta a necessidade que terá o País de pegar moeda estrangeira em volumes cada vez maiores, para financiar as novas indústrias de metais. Isto implicará importações de equipamentos, condição geralmente imposta pelos emprestadores estrangeiros.

— Se a indústria velha não se reformular, a alternativa para ela será a exportação. Este processo de venda externa é, no entanto, muito complicado para equipamentos. Diante desta situação, não antevêjo nada, a não ser uma recessão muito prolongada para a indústria do Centro-Sul. Digo isto para os empresários da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), mas eles não acreditam. Se esta prioridade para a indústria de metais não for um azarão, como estou pensando, ela promoverá a integração da região Norte/Nordeste com o Centro-Sul, criando demanda para a indústria velha.

QUESTÃO SOCIAL

Na opinião do professor da USP, se a meta econômica do Governo der certo, Estados como Maranhão e Rondônia podem se tornar um pólo de atração para uma parcela da população brasileira, podendo amortecer as tensões dos grandes núcleos urbanos do Centro-Sul. Isto, porém, deve envolver problemas sérios de transporte e de planejamento urbano.

Adroaldo, acha que o Norte está sendo simplesmente invadido, "numa guerra de sobrevivência muito primitiva — a pobreza rural na região é danosa".